

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**  
**ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA E HISTÓRIA NACIONAL**  
**DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO**

**ROBERTA KELLY ALVES RIBEIRO**

**UTILIZAÇÃO DO MATERIAL DISPONIBILIZADO PELO GOVERNO**  
**FEDERAL, NO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS**

**MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO**

**CURITIBA**

**2013**

**ROBERTA KELLY ALVES RIBEIRO**

**UTILIZAÇÃO DO MATERIAL DISPONIBILIZADO PELO GOVERNO  
FEDERAL, NO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional do Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, como requisito para obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Profa. Dra. Maurini de Souza Pereira.

**CURITIBA**

**2013**

A Sumar, minha querida mãe, que sempre esteve presente nas horas mais difíceis e alegres de minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Esses parágrafos são pouco para agradecer as pessoas que foram importantes para a concretização desse trabalho. Sendo assim, desde já quero deixar o meu muito obrigado, mesmo sem citar os nomes de todos, quero que saibam que estão em meu coração.

Reverencio a Professora Dra. Maurini de Souza Pereira pela sua dedicação e pela orientação deste trabalho e apoio da comunidade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Agradeço aos colegas do curso que, de maneira direta e indireta, colaboraram para a realização deste, e também aos professores da banca examinadora pela atenção e dedicação a este estudo.

Gostaria de agradecer muito a minha família, por compreender a minha ausência em muitas ocasiões e de sempre estar ao meu lado quando preciso vencer um obstáculo. E, por fim, agradeço as minhas sobrinhas amadas pelo carinho e pelos sorrisos sinceros.

Todo mundo atua, age, interpreta. Somos todos atores. Até mesmo os atores! Teatro é algo que existe dentro de cada ser humano, e pode ser praticado na solidão de um elevador, em frente a um espelho, no Maracanã ou em praça pública para milhares de espectadores. Em qualquer lugar... até mesmo dentro dos teatros (BOAL, Augusto, 2011).

## RESUMO

RIBEIRO, Roberta Kelly Alves. **Utilização da Coleção Literatura para Todos, disponibilizada pelo Governo Federal, do Ensino de Jovens e Adultos, sob a proposta do Teatro do Oprimido**. 2013. 47 f. Monografia (Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão, Universidade Tecnológica do Paraná, Curitiba, 2013.

Este trabalho apresenta uma investigação teórica, trazendo uma síntese sobre as obras *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire, e *Teatro do Oprimido*, de Augusto Boal, verificando suas concepções metodológicas e estabelecendo critérios de ligação entre as obras. Esta pesquisa apresenta um apanhado histórico sobre a educação de jovens e adultos no Brasil, no Estado do Paraná até chegar a Curitiba. Traz uma abordagem sobre projetos governamentais que incentivam a leitura, voltados aos neoleitores. Com a apropriação desse conhecimento, surgiu o interesse de fazer uma explanação sobre um desses programas, que é a *Coleção Literatura para Todos*, com intuito de verificar a existência de alguma obra literária que trouxesse um texto dramático. Verificada essa existência, foram propostas sugestões de possíveis aplicações de exercícios e métodos usados no Teatro do Oprimido como público da EJA. Esta pesquisa mostrou que existe a possibilidade de conciliar o texto teatral da Coleção com o método usado por Boal.

**Palavras-chave:** Teatro do Oprimido. Coleção Literatura para Todos. Educação de Jovens e Adultos.

## ABSTRACT

RIBEIRO, Roberta Kelly Alves. **Use of Literature *Collection for All* provided by the Federal Government's Youth and Adult Education, under the proposal Theatre of the Oppressed**. 2013. 47 p. Monografia (Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão, Universidade Tecnológica do Paraná, Curitiba, 2013.

This paper presents a theoretical investigation, bringing a synthesis of the work Pedagogy of the Oppressed, Paulo Freire, and Theatre of the Oppressed, Augusto Boal, verifying their designs and methodological criteria established link between the works. research presents a historical overview on the education of youth and adults in Brazil, in the State of Paraná to reach Curitiba. Brings an approach on government projects that encourage reading, geared to neoleitores. With the appropriation of this knowledge, the interest of making an explanation of one of these programs, which is the collection Literature for All, in order to verify the existence of any literary work that would bring a dramatic text. Verified that there were proposed suggestions of possible applications and methods of exercise used in Theatre of the Oppressed as public EJA. This research showed that it is possible to reconcile the text's theatrical collection to the method used by Boal.

**Keywords:** Oppressed man Theatre. Literature Collection for All. Education for youth and adults.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 PEDAGOGIA DO OPRIMIDO DE PAULO FREIRE .....</b>	<b>12</b>
2.1 O TEATRO DO OPRIMIDO DE AUGUSTO BOAL .....	15
2.2 RELAÇÕES ENTRE PEDAGOGIA DO OPRIMIDO E O TEATRO DO OPRIMIDO ...	17
<b>3 ENSINO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL .....</b>	<b>20</b>
3.1 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO PARANÁ .....	24
3.2 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM CURITIBA .....	27
<b>4 PROGRAMAS DO GOVERNO DE INCENTIVO À LEITURA.....</b>	<b>28</b>
4.1 LITERATURA PARA TODOS .....	30
4.2 FAMÍLIA COMPOSTA.....	32
<b>5 SUGESTÕES DE APLICAÇÕES DE AUGUSTO BOAL NA OBRA FAMÍLIA COMPOSTA, DA COLEÇÃO LITERATURA PARA TODOS.....</b>	<b>33</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>43</b>
<b>ANEXOS A e B.....</b>	<b>46</b>

RIBEIRO, Roberta Kelly Alves-

Utilização do material disponibilizado pelo Governo Federal, no Ensino de Jovens e Adultos. Curitiba: UTFPR, 2012.

47p.

Monografia- UTFPR

1. Teatro do Oprimido – Coleção Literatura para Todos – EJA

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho busca apontar caminhos que favoreçam a comunicação ou a expressão do jovem e do adulto no teatro, sugerindo que a arte faça parte de um processo libertador<sup>1</sup> de constituição de conhecimento; serão apresentados também exercícios possíveis para desenvolver esse processo na Educação de Jovens e Adultos.

A pesquisa do teatro voltada à EJA ainda é escassa, necessita-se de uma atenção maior a esse gênero, especificamente voltada para esse público, para que textos teatrais não sejam apenas uma leitura aleatória em sala, mas uma ação que possibilite dar voz à população. Seguindo essa linha de pensamento, buscou-se por literaturas que apresentassem textos dramáticos voltados ao Programa Brasil Alfabetizado, especificamente a *Coleção Literatura para Todos*, usando a obra *Família Composta*, de Domingos Pellegrini, como ponto de partida para novas ações que devam se iniciar em sala de aula.

Pretende-se, ao longo desta pesquisa, verificar a aplicação proposta por Augusto Boal, no *Teatro do Oprimido* (2005), na obra *Família Composta* (2006), estabelecendo estratégias de trabalho com o educando do Ensino de Jovens e Adultos, oriundos do Programa Brasil Alfabetizado. Para isso, haverá uma associação as obras *Pedagogia do Oprimido* (PO), de Paulo Freire, e o *Teatro do Oprimido* (TO), de Augusto Boal; um esclarecimento sobre a educação de jovens e adultos e a *Coleção Literatura para Todos*; e, por fim, serão sugeridas formas de aplicação da proposta do *Teatro do Oprimido* para a Educação de Jovens e Adultos, usando também a obra *Família Composta*.

A metodologia usada é a qualitativa, que busca descrever e explicar os procedimentos teóricos apresentados no T.O e na P.O. A pesquisa está em volta dos objetivos elencados acima através de acesso à internet e de referencial teórico pesquisado.

Para embasar teoricamente esta pesquisa, foram utilizadas as seguintes referências: a dissertação de Chrisley Soares Félix, *Literatura para todos: análise das obras do público EJA* (2009), que faz um apanhado histórico do ensino da Educação de Jovens e Adultos e analisa as obras da *Coleção Literatura para todos* e o seu uso e acesso nas escolas; a tese de Waldimir Rodrigues Viana, *O teatro do oprimido como prática pedagógica: potencialidades e desafios na EJA* (2011), que também procura fazer um apanhado histórico da EJA e do teatro desde seus primórdios e sugere atividades para desenvolver com esse público. Outro referencial foi

---

<sup>1</sup> Ver FREIRE (2005)

a tese de Tânia Márcia Baraúna Teixeira, *Dimensões sócio educativas do teatro do oprimido: Paulo Freire e Augusto Boal*(2007), que mostra todo o percurso de Paulo Freire e Augusto Boal, bem como suas vidas e obras, e também as relações entre as obras, ressaltando seus métodos como ações socioeducativas. O artigo da Doutora Maria Lopes Sant’Ana, *A educação de jovens e adultos: uma perspectiva histórica*, (2007) demonstra todo o percurso histórico da EJA no país e medidas usadas para compensar o descaso a esse público.

Outras referências foram buscadas para a conclusão deste trabalho, porém são poucas as pesquisas voltadas para esse público. Sobre O Teatro do Oprimido e o público da EJA, encontram-se algumas pesquisas, mas não se encontrou nada relativo à *Coleção Literatura para Todos*. Também não foram encontrados trabalhos que relacionassem os três temas: Teatro do Oprimido, Educação de Jovens e Adultos e a Coleção Literatura.

Este trabalho procura mostrar a possibilidade de juntar as ações governamentais de incentivo à leitura ao teatro de Boal como fonte de ações que promovam a reflexão dentro de sala de aula por meio da leitura e expressão, demonstrando ao educador que esse gênero pode e deve ser trabalhado com os neoleitores, ressaltando que a leitura, escrita e interpretação são possíveis movedoras de ações transformadoras.

O objetivo ainda de se trabalhar com um assunto pouco explorado entre *Coleção* e o teatro é para que sejam incentivadas mais pesquisas voltadas a esse tema, promovendo, assim, mais debates e novas propostas de pesquisas sobre esse assunto.

Este trabalho está dividido em cinco partes. Capítulo dois apresenta uma síntese sobre a obra *Pedagogia do Oprimido*, bem como uma explanação do *Teatro do Oprimido*, de Augusto Boal, e também elementos que caracterizam as ligações entre as duas obras. No terceiro capítulo foi feito um apanhado geral, com caráter histórico, sobre o ensino da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, no Paraná e em Curitiba.

No terceiro capítulo, foram mostrados os vários incentivos oferecidos pelo Governo Federal, com intuito de ampliar o contato entre leitor e literatura, voltados ao público da EJA. Apresenta também a Coleção Literatura para Todos e há uma explicação sobre a obra *Família Composta*, que é uma peça teatral.

O quarto capítulo mostra sugestões de exercícios apresentados por Boal no T.O para trabalhar o teatro com a EJA e a obra literária. O último capítulo é as considerações finais, que apresenta a perspectiva de novas pesquisas sobre o assunto e das aplicações possíveis em sala de aula, utilizando os exercícios e a obra que sejam promovedores de ações neste campo.

## 2 PEDAGOGIA DO OPRIMIDO DE PAULO FREIRE

Paulo Freire, em sua obra *Pedagogia do Oprimido* (2005), diz que uma educação só pode ser libertadora quando permite ao oprimido a oportunidade de refletir e identificar-se como sujeito de sua história, ou seja, libertar da dominação que oprime. O método que Freire propõe é de uma “educação como prática da liberdade”, para isso, se faz o uso de palavras geradoras que só é possível por meio de uma pedagogia libertadora. As palavras geradoras não se baseiam simplesmente por repetições de palavras, mas

[...] coloca [m] o alfabetizando em condições de poder re-existenciar criticamente as palavras de seu mundo, para, na oportunidade devida, saber e poder dizer a sua palavra (FREIRE, 2005, p. 12).

Permitem ao educando se redescobrir através de meios que possibilitem a sua conscientização e interação no mundo em que vive, identificando-se como oprimido para depois buscar a libertação contra os opressores.

Freire salienta que seu método não figura um método convencional de ensino, mas de conscientização de uma aprendizagem que oportuniza ao educando efetivar sua liberdade por meio de um círculo de cultura em que se emerge o conhecimento do que é ou foi vivido, ocorrendo principalmente por intermédio do diálogo, tomando para si a sua própria palavra.

Alfabetizar, então, não significa apenas repetir ou decodificar palavras, mas reconstruir de forma significativa, reflexiva e consciente a forma de ver o mundo, de ter um olhar mais crítico perante o mundo. Assim, é preciso conhecer e reconhecer quem mantém a muralha da opressão para poder quebra-la e “o método de Paulo Freire é, fundamentalmente, um método de cultura popular: conscientiza e politiza. Não absorve o político no pedagógico, mas também não põe inimizade entre educação e política.” (FREIRE, 2005, p. 22). Essa pedagogia promove a reflexão dos oprimidos e leva o indivíduo a identificar as causas da opressão e os meios necessários para reverter esse quadro.

Para o Sociólogo FREIRE (1995), a ação política deve, ao mesmo tempo, ser uma ação cultural que caminhe para efetiva liberdade, pois esta deve acontecer junto aos oprimidos. A ação libertadora reconhece a dependência dos educandos e esse quadro só mudará por meio da reflexão e da ação para que se transforme tudo isso em conscientização. A partir dessa reflexão, os oprimidos passam a compreender a sua liberdade por meio de sua conscientização, que se concretiza pela dialogicidade constante e que será possível somente

com uma pedagogia humanizadora. Sendo assim, “a presença dos oprimidos na busca de, mais que pseudoparticipação, é o que deve ser: engajamento” (FREIRE, 2005, p. 64).

Uma educação libertária acontece por meio de indagações, curiosidades, questionamentos que conduzem a problematização, oportunizando um conhecimento realmente significativo, colocando o educando no mundo como sujeito. Para Freire, a educação bancária não promove o saber, apenas mantém os ideais do opressor e da dominação, em que privilegia a memorização e o depósito conteudista, sendo o educador o único detentor do saber.

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los (FREIRE, 2005, p. 66).

Esse tipo de ensino mantém um caráter totalmente elitista, característico de uma marca nacional do autoritarismo, que foi presente no passado e continua nos tempos atuais, e isso vem a confirmar que a educação não é neutra, apresentando um caráter político que reforça, na maioria das vezes, os dogmas dos dominantes.

O método freiriano vem para quebrar esse paradigma mantido pelo sistema, aborda a educação por um outro viés, voltado para a classe popular, traz a ousadia em perguntar aos oprimidos a sua palavra, qual sua maneira de expressar, passando da conscientização simples para uma crítica. “Penso que o grande desafio do processo pedagógico é o fazer com que a cabeça do oprimido não seja mais hotel de opressor” (KOTSCHO, 1994, p. 39). Que esse olhar transforme e introduza o trabalhador no mundo, de modo que possa usar o seu saber para valer o seus direitos.

O educador popular deve agir diferentemente do sistema depositário. Não deve passar a sua visão de mundo, mas permitir um trabalho pedagógico que aconteça de forma coletiva, utilizando processos que expliquem as lutas e tirem as dúvidas. O ensino para Frei Betto tem que ter “cabelo e não peruca” tem que ter significado e, para isso, tem que partir do cotidiano do trabalhador.

Assim, a educação popular deve propiciar um aprendizado manual-intelectual, lidando com os símbolos do real e com suas representações, através de dramatizações e de outros recursos que envolvam, no processo educativo, todo o ser do educando: o corpo, a voz, os sentidos, os movimentos, a música, a visão etc. É desvelando

a realidade a partir do que eles fazem que chegam a perceber o rumo, o sentido histórico de sua prática (KOTCHO, 1994, p. 78)

Para a efetivação de uma educação libertadora, é preciso uma investigação do universo da classe popular, pautada em diálogos presentes em um contexto histórico e significativo, com capacidade de transformação por meio de uma ação comunicativa. “Se, na etapa da alfabetização, a educação problematizadora e da comunicação busca e investiga a “palavra geradora”, na pós-alfabetização, busca e investiga o tema gerador.” (FREIRE, 2005, p. 119). Sendo assim, quando os educandos conseguem analisar o que entendiam como oprimido, conseguem perceber uma nova realidade e transformá-la.

Todo esse processo busca também uma organização de conteúdos programáticos, que tem como intuito uma ação libertária, que acontece por meio das trocas de saberes e de temas geradores entre educandos e educadores. Paulo Freire chama essa troca de “temas de dobradiça”, estes são temas sugeridos para fundamentar, ou melhor, esclarecer os temas sugeridos pelos educandos.

Segundo o Professor Paulo, a consciência de classe é importante para que aconteça uma revolução contra a manipulação dos dominantes, que tem como único princípio manter a massa popular no anonimato ou na alienação para manter o *status quo* e a soberania elitista. Com um povo mais crítico, os opressores não conseguem manipulá-los a seu bem querer, dessa forma, conseguem frear a opressão, reconhecendo os meios usados para mantê-los oprimidos. Com a leitura de mundo, a massa popular pode impedir o avanço do opressor, pois

Toda leitura da palavra pressupõe uma leitura anterior do mundo, e toda leitura da palavra implica a volta sobre a leitura do mundo, de tal maneira que “ler mundo” e “ler palavra” se constituam um movimento em que não há ruptura, em que você vai e volta. E “ler mundo” e “ler palavra”, no fundo, para mim, implicam “reescrever” o mundo. Reescrever com aspas, quer dizer, transformá-lo. A leitura da palavra deve ser inserida na compreensão da transformação do mundo, que provoca a leitura dele e deve remeter-nos, sempre, à leitura de novo do mundo (HOTSCHO, 1994, p. 15).

Essa clareza da leitura de mundo permite ao trabalhador não ser mais fantoche, mas sim um homem sujeito e interagido em um processo coletivo e histórico que Frei Betto coloca como “varal”, ter esse conhecimento e fazer a ligação de um ponto a outro, tendo essa conscientização política de relacionar fatos e acontecimentos do mundo em que vive, sem repetir um discurso pronto.

Paulo Freire não acredita em uma pedagogia voltada “para ou sobre” o educando, como também em uma revolução para grande massa realizada com eles, mas acredita em uma

ação crítica que toma como base o cotidiano e a resistência popular como meio de inserir com eles um processo democrático por meio de uma educação popular libertadora.

## 2.1 O TEATRO DO OPRIMIDO DE AUGUSTO BOAL

A obra *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas* (2011), relata as fontes básicas tomadas como suporte por Augusto Boal para a concepção do T.O, apresentando a poética de Aristóteles, as indagações sobre as teorias de Maquiavel e Hegel, e também uma análise sobre o teatro de Bertolt Brecht até chegar à concretização do Teatro do Oprimido, discorrendo sobre as técnicas necessárias para a sua realização.

Para Boal, o teatro deve atuar dentro de uma sociedade com intuito de promover a libertação daqueles que são oprimidos pelos opressores. Segundo a pesquisadora Tânia Teixeira (2007), a obra parte de dois princípios básicos: o primeiro deseja mudança ou a transformação do oprimido em ator da ação dramática; e o segundo a busca constante da reflexão do passado, porém com intuito focado no futuro para ampliar os horizontes.

O teatro convencional e ainda hoje existente separa o espectador do ator. A classe dominante, segundo Boal, toma para si o teatro, impedindo a ação do povo, estipula aquele que faz do que observa, levantando uma muralha entre a massa oprimida e a classe dominante; porém Augusto Boal se opõe a esse paradigma, com uma nova proposta de teatro, ou seja, um teatro de resistência.

O Teatro do Oprimido jamais foi um teatro equidistante que se recuse a tomar partido – é teatro de luta! É o teatro DOS oprimidos, PARA os oprimidos, SOBRE os oprimidos e PELOS oprimidos, sejam eles operários, camponeses, desempregados, mulheres, negros, jovens ou velhos, portadores de deficiências físicas ou mentais, enfim, todos aqueles a quem se impõe o silêncio e de quem se retira o direito à existência plena (BOAL, 2011, p. 30).

Dessa maneira, o teatro torna-se uma arma em defesa do povo como ferramenta de transformação social. Segundo Boal, o corpo é parte fundamental na produção teatral; é necessário conhecê-lo para que sua posição de espectador se torne ator-sujeito. Para isso, são necessárias quatro etapas: **o conhecimento do corpo, tornar o corpo expressivo, o teatro como linguagem e o teatro como discurso.**

- a) **Conhecimento do corpo:** exercícios teatrais que envolvem o corpo e a formação social.
- b) **Tornar o corpo expressivo:** jogos que permitem a expressão corporal.
- c) **Teatro como linguagem:** práticas teatrais que ressaltam as variações de expressão, dividindo-se em dramaturgia simultânea, teatro-imagem e teatro-debate.
- d) **Teatro como discurso:** são encenações simples em que espectador-ator intervém na apresentação teatral. Essa intervenção pode ocorrer: no **teatro-jornal, teatro invisível, teatro-fotonovela, quebra de repressão, teatro-mito, teatro-julgamento e rituais de máscaras:**

- I. **Teatro-jornal:** possui várias formas de atuação – leitura simples, leitura cruzada, leitura complementar, leitura de ritmo, ação paralela, improvisação, histórico, reforço, concreção da abstração, texto fora do contexto.
- II. **Teatro invisível:** encenação em um ambiente popular em que as pessoas não devem ser atores e nem desconfiar que é uma apresentação teatral.
- III. **Teatro-fotonovela:** representar sem ter o conhecimento prévio do que se trata, com finalidade de observar e perceber as diferenças.
- IV. **Quebra de repressão:** encenar um fato real comum à maioria das pessoas que sofreram algum tipo de opressão e dar outra ação a esse fato.
- V. **Teatro-mito:** consiste mostrar a verdade oculta atrás de mitos conhecidos.
- VI. **Rituais e máscaras:** mostrar as relações sociais existentes e as máscaras necessárias para manter essa representação.

O objetivo central do teatro popular é permitir a libertação do espectador, que foi induzido a ter visão determinada de uma classe elitista, atuando de forma dialética; propõe também a quebra de paradigma do teatro “acabado”, em que o espectador recebe passivamente tudo o que é imposto. A ação teatral deve promover o entendimento sobre a ação real, porque

a poética do oprimido é essencialmente uma Poética da Libertação: o espectador já não delega poderes aos personagens nem para que pensem nem para que atuem em seu lugar. O espectador se libera: pensa e age por si mesmo! Teatro ação! (BOAL, 2011, p. 237).

O Coringa é uma técnica proposta para a realização do T.O, com quatro objetivos determinados: tirar dos atores a exclusividade de encenação de um único personagem, pois no T.O todos devem representar todos os personagens; direcionar grupos ao foco narrativo; criar o “caos” no espetáculo, o espectador pode ver vários tipos de encenações, desde o melodrama à chanchada; e apontar a música como fonte de introdução ou encenação para a peça teatral:

coringa é o sistema que se pretende propor como forma permanente de se fazer teatro-dramaturgia e encenação. Reúne em si todas as pesquisas anteriores feitas pelo Arena e, neste sentido, é sùmula do já acontecido. E, ao reuni-las, também as coordenada e neste sentido é o principal salto de todas as suas etapas (BOAL, 2011, p. 262).

Um dos princípios técnicos é a questão personagem-sujeito/personagem-objeto, tendo uma variação entre pensamento determinante da ação e vice-versa. O coringa tem várias funções dentro do espetáculo, ele interage com a plateia, interrompe a ação e, quando necessário, incentiva o público a intervir melhor na representação, sem colocar a sua opinião ou visão sobre o assunto.

O T.O busca uma dramaturgia com a cara do Brasil, para o povo feita pelo povo, em que qualquer pessoa ou grupo possa participar, fazendo essa interação coringa x público, possibilitando ao espectador sair do estágio de passivo para a representação da ação.

## 2.2 RELAÇÕES ENTRE PEDAGOGIA DO OPRIMIDO E O TEATRO DO OPRIMIDO

Augusto Boal, quando escreveu o *Teatro do Oprimido* (2011), nas décadas de 1960 e 1970, tomou como base a obra de Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido* (2005), aplicando-a ao teatro, por isso é possível perceber vários entrelaçamentos entre as duas obras.

Os dois autores se destacaram em meados dos anos 60, em um período conturbado da história brasileira, sob ditadura militar. Ambos foram exilados, mas intensificaram e continuaram a colocar em prática o que acreditavam como libertação do oprimido, cada um em seu critério. Freire norteava uma educação voltada aos jovens e adultos trabalhadores, marginalizados e excluídos do sistema, e Boal seguia outra vertente, a arte dramática, mas com o mesmo intuito libertador e humanizador do sujeito. Ambos foram influenciados por grandes correntes filosóficas: o existencialismo, a fenomenologia e o marxismo.

Nas obras, verifica-se a presença das palavras “opressor e oprimido”; para Boal, são todas as pessoas colocadas fora do sistema, à margem da sociedade por conflitos sociais e que perderam o direito à palavra, nota-se um ideal em comum entre as obras: tomar para si a palavra, libertar o oprimido, mostrar o caminho para a transformação social, tornando-se mais humanizado. É possível observar que exemplos de excluídos e oprimidos pelo sistema apontado se encontram na EJA pessoas que passaram por lutas e divergências para chegarem à escola.

[...] constata-se que os atores nela envolvidos são, em grande parte, pessoas oprimidas, homens e mulheres que ainda estão em busca de formação escolar. Trata-se de indivíduos que procuram por algo a que ainda não tiveram acesso e que, em diversos casos, lhes foi negado no período anterior à escolarização (infância e adolescência). Além disso, percebemos que, na maioria dos casos, trata-se de trabalhadores assalariados que almejam melhores posições no mundo do trabalho (VIANA, 2011, p. 42).

É com essa divisão ou exclusão que Freire e Boal pretenderam derrubar essa barreira levantada contra aqueles que o sistema abandonou marginalizados, como se não fizessem parte do mundo em que estão. Por isso, propõem um ensino, via pedagogia ou teatro, que realmente eduque e integre novamente os excluídos à sociedade.

Outra perceptível relação é o diálogo como base para a transformação social, com uma atitude de cooperação, objetivando problematizar e, acima de tudo, compreender e mudar o mundo. Esse método visa uma intervenção social que barre o opressor, uma ação política que aconteça por meio de uma educação libertadora e arte dramática que adotem como pilar a questão ética, sendo seu princípio as questões morais e sociais. Para uma compreensão melhor dos entrelaçamentos entre as obras, segue o quadro entre Pedagogia do Oprimido e Teatro do Oprimido.

TABELA 1 - DIMENSÕES SOCIOEDUCATIVAS DO TEATRO DO OPRIMIDO: PAULO FREIRE E AUGUSTO BOAL

<b>PEDAGOGIA DO OPRIMIDO</b>	<b>TEATRO DO OPRIMIDO<sup>2</sup></b>
<b>FREIRE</b>	<b>BOAL</b>
Adota o método da educação popular	Adota o método do teatro popular
Diálogo, ética e estética como princípios	Diálogo, ética e estética como pressupostos teóricos

<sup>2</sup> Tabela apresentada na tese intitulada *Dimensões sócio educativas do Teatro do Oprimido: Paulo Freire e Augusto Boal*, de Tânia Márcia Baraúna Teixeira, na Universidade Autônoma de Barcelona, 2007. p. 308.

Diálogo como processo de humanização e transformação da realidade	Diálogo como processo de humanização e transformação da realidade
Transitividade do processo educacional	Teatro como um meio de libertação, de transformação social e educativa
Foco na ação cultural	Adaptação do grupo a diferentes culturas
Formação de uma consciência crítica, por meio da teoria da problematização	Reconhecimento dos conflitos pessoais e sociais, por meio do método de problematização e transformação crítica e reflexiva das representações sociais
Baseada no princípio da esperança, do diálogo e da ética	O Teatro do Oprimido idealizado para o diálogo, baseado em princípios éticos
Estímulo à emancipação	Construção do conhecimento, com liberdade e com autonomia
Processo de humanização como forma de inclusão social, luta contra todas as formas de opressão	O Teatro do Oprimido como uma forma de educação para a cidadania, para reconhecer e atuar contra as opressões

FONTE: TEIXEIRA, 2007.(64 e 65pág.)

Desse paralelo, pode-se verificar que os autores buscam a centralidade do sujeito como um ser transformador de sua realidade e, acima de tudo, conhecedor do seu mundo. Para isso, faz-se necessário a troca entre educador e educando, em que nenhum se sobressaia ao outro, mas que seja realizada a conscientização pela classe oprimida.

A ação cultural encontrada permite essa conscientização como peça chave para o sujeito ter uma visão crítica do oprimido e do opressor, ou seja, entender o mundo como um sujeito inserido no mundo. As técnicas teatrais do T.O permitem essa formação crítica e, acima de tudo, reflexiva, que só é possível pelo reconhecimento dos conflitos pessoais e sociais. O sujeito, então, passa a refletir sobre a sociedade e agir sobre ela, revertendo às situações de exclusão e opressão. Essa ação permite a quebra de conflitos ancorados do passado, analisados no presente, em que se efetivem no futuro todo esse processo transformador por meio da problematização pela ética.

O Teatro Fórum e o Círculo de Cultura consistem em uma interação coletiva e dinâmica, de forma que os participantes se sintam livres para participar e se envolver com os assuntos abordados. Estes buscam discutir ou encenar questões de interesses comum, pertinentes à realidade dos participantes. Os métodos utilizados nas obras levam os educandos à busca pela cidadania, entendendo que o sujeito que conhece os vários tipos de opressão pode lutar contra ela.

Essa forma de pedagogia, pautada na vivência do trabalhador serve como forma educativa de ler o mundo e de transformá-lo, girando em torno da libertação do oprimido, conforme Paulo Freire, “ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho”, pois aprender não é uma ação solitária, mas pautada na comunicação. Essa comunicação se baseia nas questões populares em volta do trabalhador explorado, a fome, a pobreza baseada em fatos reais, onde são discutidas, nas salas de aula, palcos, praças públicas ou quaisquer locais alternativos, entre educadores, educandos, participantes e coringas, com um forte intuito de fazer realmente a democracia acontecer.

### **3 O ENSINO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL**

Quando o termo “educação de adultos” passou a ser conhecido por educação popular permitiu uma ampliação do assunto, que era restrito a encaminhamentos didáticos e a procedimentos voltados a esse público. Essa ampliação permitiu a inserção de programas como alfabetização, profissionalizante, etc.

A educação popular tem como prática educativa a questão política de lutar contra as práticas escolarizantes. Essa educação tem com objetivo base a reflexão contínua de seus próprios direitos por meio da conscientização, posicionando-se contra a neutralidade imposta pelo sistema à classe trabalhadora. Para uma compreensão melhor da educação para jovens e adultos, faz-se necessário abordar o percurso histórico.

Por volta dos anos 40, houve uma grande campanha de alfabetização inspirada na alfabetização de adultos de Cuba, mas logo esse assunto sumiu das pautas políticas. Com golpe militar de 64, os projetos voltados para esse segmento foram cortados, mas continuaram na América Latina. Na década de 80, a luta, que já existia no campo, passa também à área urbana, devido ao grande aumento da pobreza, tomando nesse período forma de resistência.

Antes de prosseguir, é preciso esclarecer as diferenças nos termos educação para adultos, educação popular, educação não formal e educação comunitária, pois muitas vezes são usadas como se tivessem o mesmo significado, e esse tipo de pensamento é equivocado.

Os termos educação de adultos e educação não formal referem-se à mesma área disciplinar, teórica e prática da educação. No entanto, o termo educação de adultos tem sido popularizado especialmente por organizações internacionais como a

UNESCO, para referir-se a uma área especializada da educação. A educação não formal tem sido utilizada, especialmente nos Estados Unidos, para referir-se à educação de adultos que se desenvolve nos países do Terceiro Mundo, geralmente vinculada a projetos de educação comunitária. Nos Estados, no entanto, reserva-se o termo educação de adultos para a educação não formal aplicada ou administrada no nível local no país (GADOTTI; ROMÃO, 2008, p. 30).

A educação de adultos tem o intuito de transformar as condições reais do trabalhador, de acabar com o analfabetismo que está atrelado à pobreza, como as suas causas que são geradas no âmbito político da exclusão. Para combater a continuação desse sistema de exclusão por etnia, classe social, sexo, cultura e credo, o educador precisa “ser formado é na filosofia do diálogo”.

Alfabetizar não é uma coisa intrinsecamente neutra ou boa; depende do contexto. A alfabetização na cidade e no campo tem consequências diferentes para os alfabetizados. A alfabetização por si só não liberta. É um fator somado a outros fatores. E o alfabetizando que aprende a ler e escrever, mas não tem como exercitar-se na leitura e na escrita, regride ao analfabetismo (GADOTTI; ROMÃO, 2008, p. 38).

A primeira Conferência Internacional sobre Educação de Adultos foi em 1949, na Dinamarca, com o intuito de se fazer uma educação paralela a da escola. A segunda Conferência foi em Montreal, em 1963, que objetivava uma educação continuada e comunitária. Em 1972, em Tóquio, a terceira Conferência tinha objetivo de recolocar os adultos no sistema formal. A quarta Conferência realizada na cidade de Paris, abordou vários temas, distorcendo a educação de jovens e adultos. A Conferência Mundial de Educação para Todos, que ocorreu no ano de 1990, na Tailândia, estabeleceu que a Educação de Jovens e Adultos fosse a primeira etapa da educação básica. Para uma maior compreensão sobre os acontecimentos durante as décadas voltadas ao EJA, segue o quadro abaixo:

TABELA 2 – PROPOSTA CURRICULAR PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Décadas	Educação de Jovens e Adultos <sup>3</sup>
1940	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Extensão da escola formal, direcionada para a zona rural.</li> </ul>

<sup>3</sup> Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos: segundo segmento do ensino fundamental: 5ª a 8ª série de 2002. E das Diretrizes Curriculares de Curitiba – fase I 2012.

1950	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Educação de base com caráter comunitário.</li> <li>▪ Novas tendências: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Educação libertadora: conscientização-método Paulo Freire e Educação Funcional (profissional voltado para mão de obra).</li> </ul> </li> </ul>
1960	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Lei nº 4.024/61 – certificado o Plano Nacional de Alfabetização de conclusão a partir de 16 anos, seguindo a proposta de Paulo Freire para o Ginásial e 19 o curso Colegial.</li> <li>▪ Expansão da ideia de Educação Popular.</li> </ul>
1970	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização) – este sistema vai contra os princípios de Paulo Freire.</li> <li>▪ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional ( nº 5. 692/71) – foi implantado o ensino supletivo.</li> </ul>
1980	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Fim da Ditadura Militar.</li> <li>▪ Extinção do Mobral.</li> <li>▪ Implantação da Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos.</li> </ul>
1990	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Extinção da Fundação Educar – as instituições passam a arcar sozinhas com a produção de material, avaliações e atividades.</li> <li>▪ Plano Decenal, fixando metas para o atendimento de jovens e adultos pouco escolarizados.</li> </ul>

A quinta Conferência e a mais importante, realizada na Alemanha, em 1997, considerou as já realizadas e o levante dos movimentos naquele período. Teve como objetivo promover uma educação de liberdade engajada no desenvolvimento sustentável e a construção da relação entre educação formal e não formal. Segundo a Confinteia, é preciso se pautar em quatro pilares básicos: “aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a conviver constituem fatores estratégicos para a formação dos cidadãos” (PROPOSTA CURRICULAR PARA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, 2002, p. 19).

O ensino da EJA vem se modificando ao longo tempo, antes tinha a visão de recuperar o tempo perdido, mas atualmente caracteriza-se como uma ponte libertária e qualificadora constante e qualificação permanente. As diretrizes estabelecem uma ação reparadora por parte das escolas, como a inserção ao mundo que lhe foi negado, com uma atitude qualificadora constante. A maioria dos estudantes da EJA regressou à escola com os seguintes objetivos:

- reconhecimento social;
- autoestima;
- acompanhar os filhos nos estudos;

- elevação do estudo;
- inserção no mercado de trabalho;
- andar por espaços públicos;
- realizar tarefas sem precisar dos outros.

Os adultos buscam por um conhecimento que seja significativo e faça sentido na atual situação de vida que se encontram. Cabe aqui, então, o método de Paulo Freire, que leva o conhecimento do aluno em pauta, a troca de saberes entre professor e aluno, aluno como sujeito, indo contra a educação bancária, em que o professor é o detentor do saber e os alunos os meros receptores.

Em 2003, o MEC cria o Programa Brasil Alfabetizado (PBA), voltado aos jovens, adultos e idosos, com intuito de ampliar a escolaridade desse público. Esse programa foi implantado em todo território nacional brasileiro, principalmente nos municípios que têm grande taxa de analfabetismo. Atualmente, a região com o maior índice é o nordeste.

**Decreto nº6.093, de 24 de abril de 2007**

**O Presidente da República**, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso IV, da Constituição, e tendo em vista o disposto no art. 208, inciso I, da Constituição, e nos arts. 37 e 38 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e 7º ao 11 da Lei nº 10.880, de 9 de junho de 2004, **decreta:**

Capítulo I – Dos Objetivos e Diretrizes do Programa:

Art. 1º – O Programa Brasil Alfabetizado tem por objetivo a universalização da alfabetização de jovens e adultos de quinze anos ou mais.

Art. 2º – O Programa atenderá, prioritariamente, os Estados e Municípios com maiores índices de analfabetismo, considerando o Censo Demográfico de 2000, da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

Art. 3º – A atuação da União para o cumprimento do objetivo do art. 1º fará-se-á por meio de ações de assistência técnica e financeira, na forma deste Decreto.

§ 1º – A atuação da União dar-se-á prioritariamente na forma de apoio aos Estados, Distrito Federal e Municípios, que venham a aderir ao Programa, em regime de colaboração, observando-se as seguintes diretrizes:

I – a base territorial para a execução das ações do Programa é o Município;

II – os alfabetizadores deverão ser majoritariamente professores da rede pública da educação básica;

III – a formação dos alfabetizadores, o monitoramento da execução e a avaliação do Programa, bem como a assistência técnica para a elaboração do Plano Plurianual de Alfabetização referido no art. 4º, poderão ser realizados pelo sistema público de educação básica ou por entidades públicas ou privadas sem fins lucrativos, incluídas as instituições de educação superior, nos termos deste Decreto. (<http://www.portal.mec.gov.br/index.php>).

O Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) é responsável pela distribuição do livro didático para alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA), com parceria do Secad / MEC, esses programas têm por função registrar, monitorar e distribuir, elaborar, promover e fornecer subsídios para que o programa aconteça. O programa Brasil Alfabetizado já atendeu mais de nove milhões de jovens, adultos e idosos. O MEC disponibiliza para

informações um *site* ([www.fnde.gov.br](http://www.fnde.gov.br)) ou um número gratuito (0800...) para acervos dos livros.

### 3.1 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO PARANÁ

O Departamento de Educação de Jovens e Adultos (DEJA), junto com a Secretaria de Educação do Estado do Paraná, tomou como princípio fundamental para o Ensino de Jovens e Adultos a problematização para desenvolver e responder as práticas pedagógicas que devem se pautar no diálogo para uma mudança igualitária para todos, que durante muito tempo foram negados.

Durante quase quatro séculos, observa-se o domínio da cultura branca, cristã, masculina e alfabetizada sobre a cultura dos índios, negros, mulheres e analfabetos. Historicamente, constata-se o desenrolar de uma educação seletiva, discriminatória e excludente. Esta realidade pode ser comprovada pelos dados do Censo Nacional de 1890, que verificou a existência de 85,21% de “iletrados” na população total brasileira. (DIRETRIZES CURRICULARES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO, 2006, p.17).

Hoje, o objetivo central da EJA é inserir os trabalhadores excluídos, possibilitando a compreensão das formas de repressão e que entendam como combatê-las e se integrar na sociedade como sujeito crítico do mundo. Apesar desse pensamento, o ensino no país ainda não conseguiu solucionar o analfabetismo nas regiões mais carentes e de difícil acesso.

O supletivo teve como intuito principal escolarizar o trabalhador iletrado. Esse meio educacional veio de forma temporária, porém se tornou permanente, pois apresentou grande procura. O Estado do Paraná criou alguns centros voltados para esses públicos como: Ceebjas (Centros Estaduais de Educação Básica para Jovens e Adultos) e Núcleos Avançados de Ensino Supletivo (Naes), esses centros permitem mais acessos. Por volta da década de 90, essa modalidade de ensino se estendeu aos sistemas penitenciários e socioeducativos, porém, nesse mesmo ano, com a extinção do Programa Educar, o governo ficou isento de qualquer responsabilidade de ajuda financeira a essa modalidade de ensino.

O Estado do Paraná procurou defender essa modalidade do ensino por meio do Fórum Paranaense da EJA (Educação de Jovens e Adultos), em 2002. Esse tipo de iniciativa colaborou para um ensino de qualidade, pautado na caracterização e exigências desse público.

Os vários movimentos nacionais e aperfeiçoamento neste campo oportunizaram, em 2000, as Diretrizes Nacionais para o público EJA, que tinha como ponto-chave:

as especificidades de tempo e espaço para seus educandos; o tratamento presencial dos conteúdos curriculares, a importância em se distinguir as duas faixas etárias (jovens e adultos) consignados nesta modalidade de educação; e a formulação de projetos pedagógicos próprios e específicos dos cursos noturnos regulares e o de EJA (DIRETRIZES CURRICULARES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, 2006, p. 22).

Apesar dessa mobilização de incentivo à EJA, o Paraná ainda apresenta um número elevado de pessoas analfabetas no estado (ver anexo A). Os dados mostram que no Paraná 649.705 pessoas não são alfabetizadas, 9,5 % da população em 2000 era analfabeta, sendo que 7,5% na área urbana e 14,3% na área rural (IBGE, 2000).

É preciso reorganizar a EJA, identificando-a com a característica da sua clientela, proporcionando um ensino que faça com que o educando permaneça e conclua os estudos, pois a desistência dos alunos nessa modalidade ainda é um dos fatores que atrapalha a inserção do trabalhador no mundo crítico.

Em 2005, foram estabelecidos critérios básicos para assegurar um ensino de qualidade no Paraná, a proposta se pauta no cotidiano do aluno e escola, estabelecendo critérios essenciais como: flexibilidade, significações, retirar a estrutura rígida e estabelecida, permitindo a diferenciação e o tempo de conscientização. Dessa forma, tenta aplicar essa proposta embasada na a lei nº 9394/96, artigo 1º:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social (DIRETRIZES CURRICULARES DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, 2006, p. 28).

O Ensino de Jovens e Adultos não deve estar preocupado apenas com a faixa etária, mas com a variante cultural, é essa bagagem e troca de saberes que o diferencia do sistema pedagógico regular de ensino. O currículo e o tempo devem estar em equilíbrio com essa modalidade, um “currículo vivo”, diferente do sistema rígido vigente, permite, de fato, que a prática educativa dentro do espaço escolar seja diferente dos currículos formais e ocultos<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> O currículo formal tem suas bases assentadas na regulação prévia estabelecida seja pela escola, seja pelo sistema educacional. É o que se prescreve como intenção na formação dos indivíduos.

Um currículo e um tempo que foque o autoconhecimento e o articule de forma integrada ao educando. Para Freire, é necessária uma pedagogia libertadora que vá contra o sistema mecânico e sem perspectiva de visão, portanto, é preciso que haja uma relação entre *sujeito-realidade-sujeito*, assim, todas as práticas pedagógicas voltadas a esse público serão alcançadas.

Um grande projeto que favorece essa prática é o Programa Paraná Alfabetizado, que tem como raiz o Programa Brasil Alfabetizado, que mantém parceria no Estado com o Governo e a SEED-PR com intuito de alfabetizar a todos os moradores do Paraná, e que as pessoas de modo geral compreendam que *a leitura e a escrita* é um direito fundamental para a cidadania. Sendo assim, o Programa Paraná Alfabetizado tem como critérios fundamentais os seguintes pontos:

Universalizar a alfabetização aos jovens, adultos e idosos paranaenses não alfabetizados com 15 anos ou mais, na perspectiva da superação do analfabetismo, garantindo o acesso à leitura e à escrita como direito à educação básica e como instrumentos de cidadania. E respeitando a sua diversidade sociocultural, e reconhecimento de suas expressões de educação e cultura popular.

Possibilitar condições para a continuidade da escolarização aos egressos alfabetizados através de ações conjuntas com as Secretarias Municipais de Educação, garantindo a EJA Fase I do ensino fundamental.

Constituir acervo literário voltado à população jovem, adulta e idosa em processo de alfabetização, através de livros públicos produzidos com autoria dos educadores e educandos.

Articular ações governamentais, buscando garantir à população em processo de alfabetização o acesso às demais políticas, benefícios e serviços sociais públicos, de forma a superar as diversas situações de exclusão em que se encontra a população não alfabetizada (Disponível em: <<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br>>.).

Este programa, assim como o Brasil Alfabetizado, oferece um número de telefone gratuito para informações direcionadas a educadores e coordenadores que gostariam de participar do programa.

Antes de trabalhar com o EJA, o educador deve saber como é considerada uma pessoa alfabetizada. É toda pessoa que:

- lê, compreende e produz textos simples, de diferentes tipos e finalidades, como: informativos, literários, narrativos, argumentativos, portadores de textos, etc.;

---

O currículo real ou vivo, é aquele que acontece na sala de aula, produz e reproduz usos e significados, por vezes, distintos das intenções predeterminadas no currículo formal. Nele se explicitam, com maior nitidez, as visões de mundo e as ações dos diferentes sujeitos da prática educativa no espaço escolar.

O currículo oculto é inerente a toda e qualquer ação pedagógica que media a relação entre educador e educando no cotidiano escolar, sem estar, contudo, explicitado no currículo formal. Desde a organização do horário das aulas, a organização da entrada dos educandos na escola, os métodos, as ideologias, a organização do espaço e do tempo, bem como todas as atividades que, direta ou indiretamente disciplinam, regularizam por meio de normas as atitudes, os valores e os comportamentos dos educandos (DIRETRIZES CURRICULARES DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO PARANÁ, 2006, p. 34).

- participa de debates sobre diferentes assuntos de interesse da comunidade, ampliando sua possibilidade de articulação da língua falada;
- expressa criticamente sua reflexão (oral, escrita, interpretativa) acerca da realidade em que vive;
- lê e compreende Matemática (Disponível em: <<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br>>.).

Esse conhecimento é o desejo de que todo aluno da EJA domine e para que se alcancem esses objetivos, os educadores devem participar constantemente de cursos ou formação continuada oferecida pela SEED-PR. O programa leva em média oito meses para a conclusão, que tem como formato o método Paulo Freire, buscando temas geradores, dinâmicas e acesso para os educandos, e pode ser realizado em vários lugares como: escolas municipais e estaduais, igrejas, associação de moradores, sindicatos, dentre outros espaços que possam oferecer acolhimento e acesso fácil aos trabalhadores.

### 3.2 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM CURITIBA

Em 1991, iniciou-se na Rede Municipal de Ensino em Curitiba (RME) o Programa de Educação de Jovens e Adultos. No ano seguinte, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP) considerou essa iniciativa de grande valia por privilegiar a camada mais excluída da sociedade. Por meio do parecer 162/93, o Programa é integrado ao sistema Estadual de Ensino, no âmbito da Prefeitura Municipal de Curitiba, em 1993.

Em 2009, tanto a SME e SEED realizam trabalhos em conjunto para a escolarização de Jovens e Adultos. Segundo dados do IBGE de 2010, a população de Curitiba entre 15 anos e mais era de 1.401.947, e apenas 29.839 não são alfabetizadas, ou seja, 2,13% da população. Esses dados vêm confirmar a necessidade desse programa de EJA no Município.

Para acabar com o analfabetismo no país, é necessário que o sistema público ofereça uma escola pública de qualidade, mas que faça parte da realidade dos alunos, que tenha uma gestão democrática e participativa junto à comunidade, com o intuito de firmar a identidade do trabalhador, possibilitando a formação de cidadãos críticos e conscientes no mundo.

Vale ressaltar que já existem no Brasil cidades com baixo índice de analfabetismo, no Paraná são dezoito. Segundo dados do IBGE de 2010; são elas: Quatro Pontes (com o menor índice de analfabetismo no Estado), Entre Rios, Curitiba, Bom Sucesso do Sul, Nova Santa Rosa, Mallet, Maringá, Maripá, Pinhais, São José dos Pinhais, Rio Negro, Araucária,

Paulo Frontin, Ponta Grossa, Pato Bragado, São Mateus do Sul, Marechal Cândido Rondon e Paranaguá, mas ainda existem várias cidades no Paraná que apresentam um alto índice de analfabetismo, como São Rosário do Ivaí, Itaúna do Sul e Corumbataí do Sul, mantendo um índice de 19%. Toda a cidade que consegue ter um índice baixo de analfabetos recebe uma certificação de reconhecimento.

Dos Selos de Certificação da Alfabetização:

Art. 11 – Fica instituído o Selo de Município Livre do Analfabetismo, que será conferido pelo Ministério da Educação, aos Municípios que atingirem mais de noventa e seis por cento de alfabetização, com base nos dados do Censo Demográfico do IBGE.

Art. 12 – Fica instituído o Selo de Município Alfabetizador, que será conferido pelo Ministério da Educação ao Município que reduzir a taxa de analfabetismo observada no Censo Demográfico de 2000 do IBGE, em, no mínimo, cinquenta por cento até 2010.

Parágrafo único – Caso a redução do analfabetismo referida no **caput** tenha sido atingida com a colaboração de entidade referida no art. 8º, ou do Estado, seu trabalho será certificado (Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/index>>.).

Esse contingente de cidades livres de analfabetismo ocorreu por meio da mobilização do ensino público e do seu acesso à responsabilidade e ao compromisso de ofertar e garantir a oportunidade daqueles que, por motivos variados, não puderam frequentar a escola. O Paraná fica na região onde tem o maior número de cidades livres do analfabetismo, é possível ver no mapa que a região Sul (Anexo B) é o lugar onde existem menos analfabetos no país. Porém outro fator relevante nesse assunto é o “analfabeto funcional”. Segundo a reportagem do jornal *Gazeta do Povo*, de 19 de março de 2012, os analfabetos funcionais são pessoas que leem, mas não compreendem o que leem; a alegria com a erradicação do analfabetismo em algumas cidades do Estado não pode mascarar esse problema. Para ajudar a diminuir esse fato, é necessário o incentivo de continuarem com o seu percurso escolar.

#### **4 PROGRAMAS DO GOVERNO DE INCENTIVO À LEITURA**

Com o intuito de formar leitores no país, o MEC tem realizado programas voltados ao público da EJA, como: **Programa Nacional das Bibliotecas Escolares (PNBE), Programa de Incentivo à Leitura e a Coleção Literatura para todos.**

A Coleção Literatura para Todos surgiu por meio de um concurso Literário, onde foram selecionadas várias obras com temas atrativos ao público de Educação de Jovens e

Adultos, procuraram selecionar vários tipos de gêneros<sup>5</sup> como: novela, poesia, dramaturgia, contos, prosa, biografia crônica e tradição oral<sup>6</sup>. Também podiam ser escolhidas obras de autores naturais de países africanos de língua oficial portuguesa, que são: Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. As obras que venceram o Concurso, o MEC enviou às escolas que ofertam a Educação de Jovens e Adultos, nas unidades prisionais e nas instituições superiores de formação dos alfabetizadores.

O Governo oferece outros programas de incentivo à leitura como: **Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA)**, que é responsável pela distribuição dos livros didáticos ao **Programa Brasil Alfabetizado (PBA)**. Existe também o Programa Brasil nas Prisões, que oferece recursos para formação de professores e gestores como também acervo de livros; outro programa importantíssimo é o **Projeto Olhar Brasil**, que tem como princípio encaminhar os alunos de educação básica e do Programa Brasil Alfabetizado com problemas visuais ao oftalmologista, esse projeto tem parceria com o Ministério da Saúde para tentar conter a evasão escolar por motivos de saúde.

O **Programa Brasil Alfabetizado** também distribui cartilhas que orientam as pessoas a buscarem por seu registro civil de nascimento e a documentação básica necessária para ingresso na sociedade. Para os educadores, é disponibilizado um almanaque do alfabetizador, chamado *Escravo, nem pensar e a Coleção Literatura para todos*.

A *Coleção Literatura para Todos* tem o incentivo do Ministério da Educação com o objetivo de promover o acesso à leitura, proporcionando um acervo literário voltado para o público EJA, recém-alfabetizados, possibilitando a ampliação de novos leitores, chamados de “neoleitores”.

Segundo a Mestre Elisiane Vitória Tiepolo<sup>7</sup>, os neoleitores se caracterizam por terem pouco contato com a leitura e a escrita, a maioria desses jovens, adultos e idosos é oriundo da

---

<sup>5</sup> Segundo o dicionário Houaiss, o conceito de gênero é: classe de estilo, técnica ou natureza artística ou literária.

<sup>6</sup> Segundo o dicionário Houaiss, **novela** é uma narrativa breve, maior que um conto e menor que um romance; **poesia** é a arte de compor ou escrever versos; **teatro ou drama** é peça teatral, novela romance etc, que encena conflitos da vida real; **contos** são histórias curtas em prosa, com um só conflito e ação e poucos personagens; **prosa** é a expressão natural da linguagem escrita ou falada, sem rimas; **biografia** é o relato da vida de alguém, pode ser em um livro ou filme; **crônica** é o registro de fatos históricos em ordem cronológica, pequeno texto geralmente baseado em fatos do cotidiano; e **tradição oral** é a herança cultural passada oralmente através das gerações ou conjunto de valores morais, espirituais etc.

<sup>7</sup> Formada em Letras e Mestre pela UFPR, em Literatura Brasileira trabalha com Educação de Jovens e Adultos desde 1994, quando participou da coordenação do Programa de Escolarização Básica dos funcionários da Prefeitura de Curitiba, é também professora de uma das turmas do programa. Autora do *software* para alfabetização de Jovens e Adultos e Idosos, Luz das Letras, Fase II; consultora da Seed/PR, no Programa Paraná Alfabetizado; e também é docente das Faculdades do Brasil, em Curitiba.

zona rural, pois, apesar de viver no meio urbano ainda mantém essa caracterização, vivendo em subempregos, porém em algum período de sua vida frequentou a escola e traz consigo a leitura de sua vida cotidiana, como os pedreiros que fazem cálculos para construir casas e vendedores ambulantes que conseguem contar e fazer troco corretamente sem saber ler e escrever, para isso, apesar dos neoleitores não dominarem o código da linguagem, usam-na no seu dia a dia.

Para confirmar esse pensamento, a professora Tiepolo cita o crítico alemão Enzwenberger, em seu livro *Mediocridade e loucura*, afirmando que a literatura só acontece por causa dos analfabetos, pois são através deles que existe a criação do imaginário com seus causos, histórias e contos que depois é transformado em livro.

Os neoleitores associam a leitura pela oralidade do texto escrito, por causa disso, costumam ler devagar, pular trechos e fazem interrupções da leitura várias vezes, mostrando dificuldade em tecer comentários sobre o que acabou de ler. Para a professora os textos literários voltados para esse público devem ser baseados em sua cultura e rotina, que possibilite conhecer outros mundos de forma acessível, respeitando o seu processo de leitor e possibilitando a troca de saberes.

#### 4.1 LITERATURA PARA TODOS

Esse programa é uns dos projetos oferecidos pelo Governo Federal como incentivador à leitura, voltado aos neoleitores do Programa Brasil Alfabetizado, e faz-se necessário uma maior explanação sobre essa Coleção por ser a obra que será utilizada no capítulo cinco deste trabalho.

A Coleção apresenta um **Manual Conversa com Educadores**, com os gêneros biografia, crônica, novela, tradição oral e teatro, sendo dois de narrativas e três de poesia. A conversa com educadores mostra o processo de escolha das obras, apresenta também comentários de alguns educadores e, na capa, há ilustrações das obras que compõem essa coleção.

Além de uma explicação de como as obras foram escolhidas, você encontrará aqui resumos dos livros da coleção e informações sobre seus autores e também sobre os gêneros literários adotados, como conto, poesia, teatro, crônica e outros (CADEMARTORI, 2006, p. 7).

O manual também mostra o depoimento de educadores sobre o contato que tiveram com a leitura e a escrita e sua importância, porém o manual não explica os critérios utilizados para a seleção das obras<sup>8</sup>, que apenas devem estar voltadas aos neoleitores. Os escritores se preocuparam em se integrar a esse público, buscando formas acessíveis baseadas na realidade deles, com os temas, tamanho das letras, gêneros e ilustrações.

O intuito do governo em lançar esse programa era incentivar e motivar o interesse pela leitura, para que pudesse acontecer de forma prazerosa, pois acredita-se que a educação de Jovens e Adultos precisa de um olhar específico.

Por que realizar um concurso voltado especialmente para esses novos leitores – ou neoleitores, como costumamos chamá-los? Porque acreditamos que eles têm necessidades específicas. Depois de viverem a experiência da alfabetização, eles passaram a usar a leitura nas tarefas simples do seu cotidiano. Agora, esses jovens e adultos recém-alfabetizados podem dar um passo adiante e ter contato com outro tipo de material escrito, que até então não fazia parte do seu dia-a-dia. É o caso das obras de literatura. Dessa maneira eles estão construindo uma nova maneira de lidar com a cultura escrita. Esta coleção foi criada para que encontrem livros adequados ao estágio em que estão – nem complicados demais, nem próprios para o público infantil (CADEMARTORI, 2006, p. 11).

O manual apresenta também o conceito de leitura e de literatura pelos organizadores do Concurso, como a reflexão por parte do professor da EJA, que deve buscar uma linguagem

---

<sup>8</sup> **1ª edição, coleção 2006** — *Cobras em Compota* (conto), de Ana Cristina Araújo Ayer de Oliveira; *Entre as Junturas dos Ossos* (poesia), de Vera Lúcia de Oliveira; *Família Composta* (peça de teatro), de Domingos Pellegrini; *Léo, o Pardo* (biografia), de Rinaldo Santos Teixeira; *Madalena* (novela), de Cristiane Dantas; *Tubarão com Faca nas Costas* (crônica), de Cezar Dias; *Caravela – Redescobrimientos* (poesia), de Gabriel Bicalho; *Batata Cozida, Mingau de Cará* (tradição oral), de Eloí Elizabete Bochecho; *Abraão e as Frutas* (poesia), de Luciana de Mendonça; *Cabelos Molhados* (conto), de Luis Pimentel, recebeu menção honrosa.

**2ª edição, coleção 2007–2008** — *A Fera do Canavial* (tradição oral), de Antonio Almir Mota; *Pela Voz do Cordel* (tradição oral), de Maria Augusta de Medeiros e César Tadeu Obeid; *B.Léza?! Um Africano que Amava o Brasil* (biografia), de Gláucia Aparecida Nogueira; *Família Contadeira de Histórias* (prosa, conto), de Stela Maris Rezende; *No Atrito do Corpo com o Ar* (poesia), de Sandra Jeane de Paula; *Pé de Alguma Coisa Pede Outra* (poesia), de Viviane Veiga Távora; *Cobrador* (prosa, novela), de Andréa Fátima dos Santos; *Tem Onça na Casa do Zé* (prosa, novela), de Isaura Daniel; *Os Segretos Acrobatas* (poesia), de José Luís Tavares (Cabo Verde, África). *Via Vária* (poesia), de Iacyr Anderson Freitas, recebeu menção honrosa.

**3ª edição, coleção 2009** — *Poesia Torta* (poesia), de Maria Amélia de Amaral Elói; *Poemas de Pouco Empenho* (poesia), de Alexandre Jorge Marinho Ribeiro; *Poesia da Indagação* (poesia), de Adriano Bitarães Netto; *A Bolina ao Redor do Natal* (poesia), de José Luís Tavares (Cabo Verde, África). *Moinho* (prosa), de Mayrant Gallo; *Tempo de chuva* (prosa), de Carlos Augusto de Almeida; *No Cravo e na Ferradura* (tradição oral), de Marco Aurélio Pinotti Catalão; *Não Conte com o Número Um no Reino de Numespólis* (dramaturgia), de Carlos Correia Santos; *Cascatinha e Inhana: a História e os Trinados dos Sabiás do Sertão* (perfil biográfico), de Alaor Ignácio dos Santos Júnior. *O Papagaio de Van Gogh* (prosa), de Antonio de Pádua Barreto Carvalho, recebeu menção honrosa. (**Ionice Lorenzoni**. Dados obtidos no site do Ministério da Educação (Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/index>>).).

acessível e necessária aos educadores e termina com algumas perguntas aos educadores e alunos.

O primeiro concurso *Literatura Para Todos* foi realizado em 2005, organizado pela Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, com o intuito de escolher obras inéditas e de diferentes gêneros voltados especificamente ao público da EJA. Em 2008, houve o segundo concurso, em 2009 o terceiro, com o objetivo de ampliar o acervo, porém não foi encontrada no site do MEC nenhuma pesquisa verificando a aceitação dos alunos em relação à coleção e nem dos professores.

Félix Chrisley Soares, em sua dissertação *Literatura para todos: análise das obras em função do público da EJA (Educação de Jovens e Adultos)*, afirma que a iniciativa de medidas públicas em voltar os olhos a esse público é de suma importância, pois possibilitou o acesso dos mesmos à literatura, porém os neoleitores, por não dominarem os códigos da linguagem, precisam de um “mediador” que possua uma fluidez na leitura para que eles (neoleitores) possam compreender os textos literários, esse intermediador pode ser o próprio educador.

A Coleção apresenta qualidade e é apropriada a alunos da EJA, desde que acompanhada por iniciativas mediadoras que deem conta de ser uma ponte entre o texto e o leitor que ainda não adquiriu autonomia. O ideal, a partir do percebido, é que o professor seja o mediador, familiarizando o aluno com o texto literário e os gêneros presentes na Coleção, formando-o enquanto leitor da literatura (SOARES, 2009, p. 112).

Dessa maneira, o mediador possibilita um maior entendimento sobre os gêneros da obra e a sua contextualização, permitindo o interesse dos educandos com os textos literários, não transformando a leitura em pesadelo e desapontamentos.

## 4.2 FAMÍLIA COMPOSTA

A obra literária *Família Composta*, de Domingos Pellegrini, publicada em 2006, faz parte das dez obras selecionadas para a *Coleção Literatura para Todos* do primeiro concurso realizado pelo MEC, sendo a única peça de teatro dessa coleção. O escritor da obra, Domingos Pellegrini, é paranaense, nascido em Londrina, em 1949, é jornalista, publicitário e escritor de mais de quarenta obras, dentre elas contos, romances, crônicas, poemas e histórias

infanto-juvenis. Essas variações de gêneros fez com que fosse reconhecido como um dos maiores escritores brasileiros da atualidade, sendo ganhador do Prêmio Jabuti por duas vezes com as obras *O homem vermelho*, de 1977, e *O caso de chácara chã*, em 2001. Na obra, o autor utiliza o humor para mostrar as mudanças sociais que vêm ocorrendo dentro das famílias, ou seja, o novo perfil familiar, levando o leitor a refletir ou se identificar com a história. “A dramaturgia de vanguarda, misturando o diálogo do cotidiano familiar com a linguagem empregada pelos meios de comunicação em particular a televisão” (PELLEGRINI, 2006, p. 11). O título da obra *Família Composta* tem como personagens o pai, a filha e o pai da criança; o livro conta que depois de um grave problema de saúde a família reflete sobre o seu modo de viver e valores, procurando levar a vida com mais tranquilidade.

## **5 SUGESTÕES DE APLICAÇÕES DE AUGUSTO BOAL NA OBRA *FAMÍLIA COMPOSTA*, DA COLEÇÃO LITERATURA PARA TODOS**

A seguir constam algumas sugestões de aplicações do método de Augusto Boal, abordado na obra *Teatro do Oprimido*, na peça teatral *Família Composta*, que foi escolhida por ser a única peça de teatro disponível na coleção.

O educador, antes de iniciar seu trabalho, deve conhecer seus alunos; Boal buscou nas camadas miseráveis do Peru o início para seu trabalho, já Freire procurou nos trabalhadores brasileiros. Cabe, então, conhecer os arredores da comunidade em que vivem os educandos, como forma de integração e conhecimento. A escolha das obras teóricas e da coleção foi por considerar que buscam a libertação do Oprimido, possibilitando conhecer o que era ocultado, permitindo opinar, mostrar e reconhecer que poderia ser diferente e desde que tome para si a palavra.

Não serão sugeridos todos os exercícios ressaltados por Boal, mas alguns encaminhamentos iniciais e possíveis para que novos pesquisadores busquem, aprimorem, inovem e discutam novas direções de trabalho voltadas ao teatro e à Coleção, já que pesquisas relacionadas a esse tema não foram possíveis de ser encontradas.

O educador, em sua pesquisa de campo, deve identificar o seu público, o seu ambiente, conhecer a comunidade, as casas dos alunos, realizar entrevistas com eles antes das aulas começarem, de forma descontraída, perguntando a idade, no que trabalham, o que fazem na hora do lazer, quantas pessoas existem na família, quanto tempo estão na comunidade, se já foram assistir alguma peça de teatro, quanto tempo ficaram fora da escola, o porquê que

estão voltando, comece falando de si mesmo, pois isso permite uma interação melhor, uma “quebra de gelo”; esse mecanismo mostra o que esperar e o que vai encontrar em sala. A partir dos dados coletados, o professor já pode direcionar os temas geradores de interesses dos futuros egressos e ajudar introduzi-los nas problematizações.

Outra sugestão que cabe é a explicação sobre o teatro, como ele surgiu, onde, quem e porque, até chegar aos tempos de hoje, introduzindo o teatro do Boal e seu método de conscientização por meio da arte. Augusto Boal, na obra *Teatro do Oprimido e Jogos para Atores e não-atores*, sugere vários jogos pertinentes à expressão do corpo, permitindo que o corpo comunique, porém deve sempre respeitar a limitação física dos alunos, pois a participação nos exercícios deve ocorrer de forma espontânea por parte do educando e principalmente que seja prazerosa, fazendo com que o aluno não se sinta constrangido, então, não se deve obrigar, e aquele que se recusar pode fazer relatórios ou outra coisa que seja pertinente no momento, para que não fique isolado. A seguir constam algumas sugestões de exercícios descritas por Boal:

- 1) Corrida em câmara lenta – os participantes são convidados a fazer uma corrida com a finalidade de perdê-la: ganha o último! O corpo de cada um, ao mover-se em câmara lenta, em cada centímetro em que se desloque o seu centro de gravidade, terá que reencontrar uma nova estrutura muscular que promove o equilíbrio (BOAL, 2005, p. 192).
- 2) Corrida de pernas cruzadas – os participantes se unem em duplas, se abraçam pela cintura e cruzam suas pernas (a perna esquerda de um com a perna direita do outro), apoiando-se cada um na perna não cruzada. Durante a corrida, cada dupla se move como se fosse uma só pessoa, e cada pessoa se move como se o companheiro fosse sua perna. A “perna” não pode saltar sozinha: tem que ser movida pelo seu companheiro (BOAL, 2005, p. 193).
- 3) Corrida do monstro – formam-se “monstros” de quatro pés, com duplas em que cada um abraça o tórax do companheiro, estando um de cabeça para baixo, de tal forma que as pernas de um encaixam no pescoço do outro, formando um monstro sem cabeça e com quatro patas. Correm, levantando cada um o corpo inteiro do outro, dando uma volta no ar, firmando-se outra vez no chão, e assim sucessivamente (BOAL, 2005, p. 193).
- 4) Corrida de roda – as duplas formam rodas, cada um agarrando os tornozelos do companheiro, e correm uma corrida de rodas humanas (BOAL, 2005, p. 193).
- 5) Hipnotismo – as duplas se põem frente a frente a cada um, colocam a mão a poucos centímetros do nariz do companheiro, que está obrigado a manter essa distância permanentemente; o primeiro começa a mover a mão em todas as direções, para cima e para baixo, para a esquerda e para a direita, mais rápida ou mais lentamente, enquanto o segundo move todo o seu corpo de tal maneira a manter a mesma distância entre o seu nariz e a mão do companheiro. Nestes movimentos, os participantes são obrigados a assumir posições corporais que jamais assumem na vida diária, “reestruturando” permanentemente suas estruturas musculares (BOAL, 2005, p. 194).

O educador deve ajudar o educando a compreender esse processo de comunicação por meio do corpo, usando os jogos, preparando-se para libertar o que está contido. A seguir constam outras variantes de exercícios sugeridos pelo teatrólogo:

9) Levantar alguém de uma cadeira: um ator senta numa cadeira, outros tentam segurar seu corpo contra ela, usando o máximo de força, e ele tenta se levantar. Num determinado momento, o diretor grita “já!”, e todos, ao mesmo tempo, invertem o movimento e o lançam para o ar (BOAL, 2011, p. 98).

4) Pernas cruzadas: em pé, lado a lado, dois atores se seguram pela cintura, apertando-se fortemente, e cruzam suas pernas à direita de um com a esquerda de outro, erguendo-as para que elas não toquem o chão. Depois, começam uma caminhada onde cada um deve considerar o corpo do outro com sua própria perna. Atenção, a ideia é andar e não pular. A perna (o ator) não ajuda, é o outro quem deve fazer todo o esforço para avançar a sua perna, isto é, o companheiro (BOAL, 2011, p. 104).

As obras de Boal oferecem vários outros exercícios que ajudam as pessoas a se expressarem, cabe ao educador escolher os exercícios mais adequados à turma para que se sintam motivados a participarem. A pesquisa feita pelo educador sobre os alunos permite colocar temas geradores como políticas, questões sociais e de trabalho, que podem ser introduzidas dentro do teatro fórum.

O Teatro Fórum – talvez a forma do TO mais democrática e, certamente, a mais conhecida e praticada em todo o mundo, usa ou pode usar todos os recursos de todas as formas teatrais conhecidas, a estas acrescentado uma características essencial: os espectadores – aos quais chamamos de Spect-atores- são convidados a entrar em cena e, atuando teatralmente e não apenas usando palavra, revelar seus pensamentos, desejos e estratégias que podem sugerir, ao grupo ao qual pertencem, um leque de alternativas possíveis por eles próprios inventadas: o teatro deve ser um ensaio para a ação na vida real, e não um fim em si mesmo (BOAL, 2005, p. 19).

Os alunos da EJA, adquirido o conhecimento sobre os exercícios e o método de Boal e como se realiza o teatro Fórum, podem criar a partir de um tema gerador pequenas participações de espetáculos que possibilitam a construção de conhecimento e identificação de ações opressoras que sofreram e, agora, podem mudá-las. O professor pode ser o Coringa no início, mas posteriormente será um dos alunos.

Convidar os alunos para assistirem uma peça teatral encenada com o mesmo cunho do método de Boal seria interessante para que os alunos conseguissem visualizar na prática o que viram em sala, mas o educador também deve proporcionar o conhecimento de peça teatral que não siga o método do Teatrólogo, para que os educandos consigam notar a diferença entre as peças e a discutam com conhecimento de causa. Também deve ser pedido aos alunos que observem nas apresentações o cenário, a iluminação, personagens, o teatro, figurinos para depois ser abordado em sala as diferenças ou se existiam algumas semelhanças entre as peças.

Oportunizado todo esse conhecimento sobre o teatro, o educador pode introduzir a obra *Família Composta* ou trabalhá-la paralelamente, cabe ao educador organizar como irá

fazer. Deve-se permitir que os alunos tenham contato com o texto levando para casa, mas esse vínculo não deve ser perdido, mas trazido para debate em sala. O governo disponibiliza a cada educador com turma de vinte a vinte cinco alunos duas coleções, cabe a ele fazer as obras circularem e propiciar aos alunos o contato com elas.

O educador pode promover uma roda de leitura em sala, questionando como foi a leitura, se compreenderam a história, se os temas abordados na obra são interessantes, tais como: gravidez na adolescência, avô responsável pela criação do neto e da filha, genro que não trabalha, problema de saúde. Abrir o diálogo convidando todos a participar e possibilitar as trocas de experiências e conhecimentos sobre o assunto. A proposta de modificar a obra, depois da discussão, é relevante por aplicar a proposta do TO de que o espectador pode ser também autor.

O professor deve estar preparado para possíveis dúvidas que provavelmente surgirão durante a leitura e a compreensão da estrutura do texto. Seria ideal, primeiramente, falar do autor e depois abrir espaço para leitura da obra, que pode ser individual ou coletiva, em seguida, perguntar se alguém gostaria de ler. Essas variantes devem mudar quando o educador perceber que não está havendo uma progressão do que está sendo lido, por exemplo: um aluno que apresenta dificuldade de leitura e interrompe várias vezes a leitura impede que aconteça a compreensão do texto por aqueles que estão ouvindo, podendo, assim, constranger o aluno, por isso, são necessários sensibilidade e conhecimento do educador para evitar esse tipo de situação. Se for preciso, o educador fará a leitura, até mesmo para que os alunos compreendam e consigam tirar suas dúvidas. Nunca se deve esquecer que os alunos são oriundos do Programa Brasil Alfabetizado, que tem duração de seis a oito meses, portanto, a dificuldade na leitura pode variar.

A leitura da obra não precisa ser necessariamente feita em um único dia, mas aos poucos, pode ser levado uma cópia com trechos para serem lidos em casa e, posteriormente, levado à sala para uma outra leitura, para aqueles que têm problemas visuais fazer uma impressão ampliada do texto. Talvez o texto teatral seja para esse público um dos mais difíceis de compreensão, por não terem acesso como deveria, por isso, o educador deve estar sempre atento, indagando se estão entendendo a construção do texto, como, por exemplo, o trecho a seguir:

FILHA (PASSANDO PARA A SALA): Você não consegue é tomar cerveja com nenê no colo, né pai, porque precisa ir pra geladeira a cada cinco minutos! E depois diz que não bebe [...] (PELLEGRINI, 2006, p. 5).

Perguntar se conseguiram compreender o nome na frente do texto, as letras maiúsculas entre parênteses e outros pontos que acharem pertinente esclarecer. Permitir esse conhecimento, possibilitar tornar-se parte do que antes foi negado. Por isso foi sugerido realizar uma pesquisa sobre o público com quem se vai trabalhar, buscar temas significativos e geradores para uma troca de saberes, procurar explicar sobre o teatro, oportunizar a comunicação por meio dos jogos teatrais, assim como pequenas encenações, usando, para isso, o Teatro Fórum, realizar também a apreciação de diferentes peças teatrais, discussões sobre o que viram e a leitura de um texto teatral, permitirá que o estudante trabalhador amplie seus horizontes e possa através deles expressar-se e dar voz ao oprimido.

É preciso que fique claro que podem ser oferecidos outros textos dramáticos, mas antes é preciso que o educando compreenda o gênero, por isso, deve-se iniciar com obras voltadas para eles, para depois oferecer outras, “então, você vai gradativamente propondo dificuldades maiores. Na medida em que o educando domine uma dificuldade menor, ele se prepara para dominar uma dificuldade maior.” (KOTSCHO, 1994, p. 20), e cabe ao professor essa avaliação. A encenação da peça *Familia Composta* ou de outra peça teatral, surgida a partir do trabalho feito com essa obra, deve ser incentivada a ser apresentada aos amigos e familiares. A interferência do Coringa deverá demonstrar que o trabalho é realizado em conjunto e que ninguém na sala é dono de um ou outro papel. Os temas abordados ficam a critério dos alunos e do educador – é possível, na sequência da apresentação, pedir aos espectadores para que sugiram modificações nas cenas que deverão ser reinterpretadas, de acordo com as mudanças sugeridas.

Essa sequência de sugestões pode ser alterada de acordo com o nível dos educandos ou de sua compreensão sobre o tema, a turma pode ter necessidade de um avanço mais rápido ou de um tempo maior para o entendimento do que está sendo trabalhado, por isso cabe ao educador essa sensibilidade.

O educador deve incentivar os alunos a encenar peças em espaços variados como ruas, sindicatos e outros, isso possibilita uma integração com a plateia, não deve se esquecer que para Boal os espetáculos teatrais devem promover a transformação no povo promovendo construção e participação. Fazer a primeira apresentação para amigos e familiares como já citado acima, ajuda os alunos a ficarem mais confiantes e dispostos a fazer a diferença.

Os alunos tem que perceber que ao longo da apresentação o oprimido deve passar por transformações como no Teatro Fórum, sendo assim a peça *Familia Composta* pode e deve ser desconstruída e reconstruída novamente pelos alunos através de novas problemáticas levantadas pelo Coringa que convida as pessoas a participar e intervir no espetáculo, deve ser

lembrado que o Coringa além de problematizar o assunto abordado, deve também intervir nas ações para manter uma lógica e coerência conseguindo a solução da questão em pauta.

Permitir aos alunos da EJA, outros desafios como encenar a peça em um presídio, os presos que estão em turmas da EJA na prisão, esse tipo de projeto já acontece no Rio de Janeiro por grupos teatrais do C.T.O com parceria de institutos governamentais, a princípio incentivar esse público a participar do Teatro Fórum incentivando-os a intervir ou até mesmo encenar.

Segundo Waldimir Rodrigues Viana o jogo dramático necessita da troca do ator com o público ao contrário do faz de conta feito pelas crianças, o TO passa por esses dois pontos, sendo ponto chave do método de Boal. Vale ressaltar que muitos educandos irão aprender e reaprender a expressão pelo corpo, por isso que o educador deve escolher exercícios que se adequam melhor aos alunos, sempre procurando alcançar os objetivos estabelecidos por Boal de desbloquear o estado físico e mental para a inovação teatral.

- a) realizar uma breve explanação sobre as categorias de jogos do TO, a fim de que o grupo entendesse a função do desbloqueio físico e mental que eles proporcionam;
- b) conscientizar sobre a necessidade de vestuário adequado (confortável e que não iniba os movimentos) para as atividades com jogos;
- c) organizar sessões de jogos coletivamente e com divisão de turma, com intuito de fazer com que parte do grupo jogasse e a outra observasse para avaliar os jogos e o envolvimento dos colegas. (VIANA, 2011, P.62)

O professor deve-se retomar com os alunos como funciona o Teatro Fórum até sanar as dúvidas, essa explicação pode se dar isto em círculo e em grupos. Pedir aos grupos que escrevam uma situação real de opressão como: violência, drogas, preconceito etc. em que presenciaram ou foram vítimas. As peças dessa forma teria o formato dos próprios alunos permitindo uma construção e encenação real, depois de levantado nos grupos os temas abordados devem escolher o que cabe melhor a encenação de uma peça teatral, ressaltando que deve ter caráter do Teatro Fórum. Para Boal esse tipo de peça promove a discussão em que deve mostrar um erro para que se encontre uma solução contra a opressão, cabe ao Coringa incentivar a participação do espectador para que a melhor solução prevaleça e aconteça a mudança.

O Teatro Fórum permite aos egressos na EJA a possibilidade de um processo realmente democrático em que todos têm a mesma oportunidade de se expressar sem imposição de qualquer opressão. Esse método permite que o teatro dentro do EJA seja

reflexivo e coletivo, alguns elementos feitos por Boal mostra que sua metodologia principalmente com Teatro Fórum fundamenta a sua aplicação ao EJA que são:

- a) a técnica: o Teatro Fórum com os seus pressupostos que consistem no mecanismo pedagógico;
- b) o educando-artista: aquele que se dispõe a atuar, elemento criador atuante;
- c) o público: “espect-ator”, fruidor e interveniente;
- d) o professor-curinga: responsável por articular o ‘mecanismo pedagógico’ com o “criador-atuante”, na busca da reflexão e opinião do público.(VIANA,2011,p.80)

Quando se aplica o Teatro Fórum em turmas de EJA, o educador deve ter conhecimento sobre os outros métodos de Boal, ter consciência política e compreensão real dos problemas sociais que envolve os alunos como também o da esfera nacional. Verifica-se então que o TO permite ao educando a criação de sua própria leitura de mundo, sem opressão social estabelecida pelos opressores. Esse método vai contra o sistema bancário e pré-determinado, pois este busca a realidade do oprimido para modificá-la.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A iniciativa do governo em proporcionar uma literatura ao público da EJA é de grande valia, já que existem poucos materiais voltados a esse público. Cabe, então, ao educador-intermediador conciliar e promover a conscientização dos educandos como sujeitos transformadores da sua própria realidade, que pode ocorrer por meio da leitura ou de encenações teatrais.

O aprendizado do ensinante ao ensinar não se dá necessariamente através da retificação que o aprendiz lhe faça de erros cometidos. O aprendizado do ensinante ao ensinar se verifica à medida em que o ensinante, humilde, aberto, se ache permanentemente disponível a repensar o pensado, rever-se em suas posições; em que procura envolver-se com a curiosidade dos alunos e dos diferentes caminhos e veredas, que ela os faz percorrer (FREIRE, 2001 - cartas de freire aos professores 259).

Esse trabalho se concretizou por acreditar que os caminhos mostrados aqui permitem de alguma forma a libertação do oprimido. Voltar os olhos a esse público é um desafio, porque parte do princípio da liberdade por meio da conscientização da palavra, que também pode acontecer pela arte. É importante refletir sobre o porquê um trabalhador deixou os estudos e o que fez retornar, por isso, é preciso transformar o ambiente da EJA em um lugar reflexivo, mesmo tendo consciência de que isso não será fácil, por outro lado, não se pode esquecer que é nesse espaço, talvez, o único que o leve a pensar.

Medidas de incentivo à leitura são importantes, mas é apenas o primeiro passo para tirar as pessoas da escuridão, mas não se pode esquecer a diversidade e a dificuldade para trabalhar com esse público, por isso, é necessário rever a prática, não permitir que a educação bancária e fragmentária impeça o trabalhador de adquirir o conhecimento, incentivar práticas que oferecem a reflexão e permita ao educando expressar-se por várias linguagens e colocar-se diante de informações e interações de forma crítica e ativa no meio físico e social.

Freire e Boal procuraram através da educação e do teatro incentivar o indivíduo a buscar pela sua autonomia dentro de uma sociedade diversificada, promovendo meios de conscientização e aprendizagem. Possibilitou que o próprio sujeito encontre o caminho para inserir-se no meio social através de experiências e relações de vida. A metodologia desses dois pesquisadores tem como objetivo central a luta contra o opressor, mostrando que essa liberdade só pode ocorrer através do diálogo que pode transformar a sociedade. Para isso cada

pessoa deve ser autônoma na construção do seu conhecimento tomando como base o diálogo libertário.

Esses conceitos na educação de Jovens e Adultos permite uma nova reflexão sobre a prática pedagógica e a relação entre educando e educador, mostrando a importância de ações que estimule a capacidade de cada indivíduo e a sua história de vida. Tanto a Pedagogia do Oprimido como o Teatro do Oprimido não são apenas conceitos ou métodos que se entrelaçam entre si, mas meios que buscam por uma educação mais humanizadora.

O Teatro fórum permite um aprendizado através da troca de saberes entre quem encena e aquele que aprecia a peça, a interferência do espectador-ator permite que novas transformações aconteçam. Sendo assim, na EJA o TO foge do sistema burocrático da escola, porém a duração das aulas, o espaço físico, o acesso à escola e o currículo podem interferir no desenvolvimento da proposta impedindo o processo transformador do sujeito no âmbito escolar.

O TO identifica-se com a EJA, por buscar uma forma crítica e transformadora do sujeito possibilitando questionar o seu modo de vida em sociedade estimulando o público da EJA a criar. Os jogos ou exercícios sugeridos por Boal devem estar adequados a este público que apresenta uma grande variação de idade, o método permite expor os problemas sociais e políticos e questiona-los através do teatro. Dessa maneira incentiva os alunos da EJA a desenvolver sua criação e participação até mesmo por já terem uma bagagem.

O método usado por Boal promove no público EJA uma educação libertária, por buscar uma objetividade política comprometida com a mudança dos oprimidos, essa transformação que tanto Paulo Freire e Augusto Boal deve acontecer pelo diálogo, baseado no dia a dia do trabalhador, educador e educando, o método criado por Boal pode possibilitar ao educando a quebra do sistema excludente em vive. Concluindo, o conhecimento adquirido através da apropriação do teatro de Boal, permite que o educando se torne ativo na construção da libertação do opressor e de sua transformação na relação espect-atores.

Este trabalho é voltado a todas as pessoas que trabalham com a educação de Jovens e Adultos ou que tenham interesse nesse público, seja no nível inicial, fundamental, médio ou superior e a todos as pessoas que tenham oportunidades de lê-lo. Conforme Boal, “O Teatro do Oprimido, em todas as suas formas, busca sempre transformação da sociedade no sentido da liberdade dos oprimidos.” (BOAL, 2005, p. 19). Por fim, o educador pode promover a reflexão por meio da ação contra a dominação elitista, claro que não se espera que os alunos se tornem atores profissionais, mas que passem a compreender-se como sujeitos inseridos em

uma sociedade e que passem a expressar-se por meio dos conhecimentos adquiridos no teatro-ação na sua prática diária.

## REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

\_\_\_\_\_. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

BRASIL. Resoluções CNE/CEB nº 1, de 5 de julho de 2000. **Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**, Brasília, 13 jan. 2013. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2013.

CADEMARTORI, Ligia; MACIEL, Ira; PAIVA, Jane. **Literatura para todos: conversa com educadores**. Brasília: Ministério da Educação, 2006. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br>>. Acesso em: 17 dez. 2012.

CIDADE DO CONHECIMENTO. **Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos – fase I**, Curitiba, 2012. Disponível em: <<http://www.cidadedoconhecimento.org.br>>. Acesso em: 19 dez. 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta**. São Paulo: Cortez, 2008.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 923 p.

KOTSCHO, Ricardo. **Paulo Freire/Frei Betto Essa escola chamada vida – depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho**. São Paulo: Ática, 1994.

KUBASKI, Derek. Analfabetismo está erradicado em 18 municípios do Paraná. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 19 março 2012. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1234964&tit=Analfabetismo-esta-erradicado-em-18-municipios-do-Parana>>. Acesso em: 12 jan. 2013.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Programa Brasil Alfabetizado**, Brasília, 15 dez. 2012. Disponível em: <<http://www.portal.mec.gov.br/index>>. Acesso em: 15 dez. 2012.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Proposta curricular para a educação de jovens e adultos**: segundo segmento do ensino fundamental: 5a a 8a série, Brasília, 15 dez. 2012. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 15 dez. 2012.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Programa Paraná Alfabetizado**, Brasília, 17 dez. 2012. Disponível em: <<http://www.portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 17 dez. 2012.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Concurso literatura para todos**. Disponível em: <[www.portal.mec.gov.br/index](http://www.portal.mec.gov.br/index)>. Acesso em: 15 dez. 2012.

PELLEGRINI, Domingos. **Família composta**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ. Diretrizes Curriculares da Educação de Jovens e Adultos, Curitiba, 2006. Disponível em: <<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos>>. Acesso em: 19 dez. 2012.

SOARES, Félix C. **Literatura para todos**: análise das obras em função do público da EJA (Educação de Jovens e Adultos). 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2009. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br>>. Acesso em: 21 nov. 2012.

TEIXEIRA, Tânia M. B. **Dimensões sócio educativas do teatro do oprimido**: Paulo Freire e Augusto Boal. 335 f. Tese (Doutorado em Educação e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Sociedade, Universidade Autônoma de Barcelona, 2007. Disponível em: <[http://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/4657/tmbt1de1.pdf?sequence="](http://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/4657/tmbt1de1.pdf?sequence=)>. Acesso em: 20 nov. 2012. p. 93-200.

TIEPOLO, Elisiani V. **Neoleitores no Brasil alfabetizados**. [S.l.]. Disponível em: <<http://www.portal.mec.gov.br/index>>. Acesso em: 15 dez. 2012.

VIANA, Waldimir R. **O teatro do oprimido como prática pedagógica**: potencialidades e desafios na EJA. 191 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2011. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br>>. Acesso em: 15 nov. 2012.

## ANEXO A

**TABELA 1 – EVOLUÇÃO DO ANALFABETISMO NO BRASIL ENTRE PESSOAS DE 15 ANOS OU MAIS - 1920/2000**

Ano/Censo	Total	Analfabetos	%
1920	17.557.282	11.401.715	64,90
1940	23.709.769	13.269.381	56,00
1950	30.249.423	15.272.632	50,50
1960	40.278.602	15.964.852	39,60
1970	54.008.604	18.146.977	33,60
1980	73.541.943	18.716.847	25,50
1991	95.837.043	19.233.758	20,07
1996*	107.540.981	14.018.960	13,03
1997**	108.025.650	15.883.372	14,07
2000	119.533.000	16.295.000	13,60

\*\*Inclusive a população rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.  
 FONTE: IBGE. Censos Demográficos e Contagem da População 1996. PNAD 1997.

**TABELA 2 – CARACTERIZAÇÃO EDUCACIONAL DA UNIDADE DA FEDERAÇÃO. 2001 – ANALFABETISMO (NÚMEROS ABSOLUTOS EM 1.000)**

Unidade da Federação	População residente de 15 anos ou mais	População analfabeta			Analfabetos funcionais de 15 anos ou mais <sup>1</sup>	
		15 anos ou mais	15 a 19 anos	60 anos ou mais	Total	Taxa
Brasil	121.011	14.954	559	5.211	33.067	27,3
Sul	18.696	1.323	29	580	3.956	21,2
Paraná	6.997	605	15	250	1777	25,4

FONTE: IBGE, Pnad 2001.

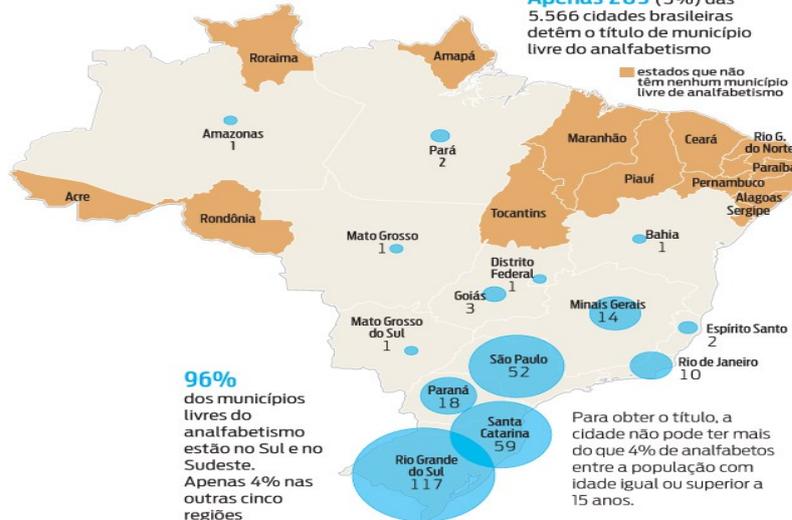
Nota: Inclusive a população rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.

## ANEXO B

### AVANÇO LENTO

Veja a distribuição geográfica do analfabetismo no Brasil e as regiões que mais avançaram na erradicação do problema:

**Apenas 283** (5%) das 5.566 cidades brasileiras detêm o título de município livre de analfabetismo



**96%** dos municípios livres do analfabetismo estão no Sul e no Sudeste. Apenas 4% nas outras cinco regiões

Para obter o título, a cidade não pode ter mais do que 4% de analfabetos entre a população com idade igual ou superior a 15 anos.

#### META

Segundo o Plano Nacional de Educação (PNE), o governo federal espera elevar para 93,5%, até 2015, a taxa de alfabetização entre a população com 15 anos ou mais. Atualmente esse índice é de 90,38%. Cerca de 14 milhões de brasileiros ainda não sabem ler e escrever.

Fonte: IBGE (Censo Demográfico 2010).

Infografia: Gazeta do Povo